



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

OBERDAN GOULART PERES

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-104

Entrevistado: Oberdan Goulart Peres

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Karine Dalsin

Data da entrevista: 11/08/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (02 fitas) 104/01-A, 104/01-B, 104/02-A

Total de gravação: 70 minutos

Páginas Digitadas: 22

Catalogação: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01934/2008/01

Número de registro da fita: 01934/2008/01 a e b

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

PERES, Oberdan Goulart. *Oberdan Peres (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Envolvimento com a Escola: movimento estudantil, diretório acadêmico; organização do II EREEF; participação no ENEEF; entrada para a Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física; a criação de um projeto de futsal feminino; colegas e professores importantes na Escola.

Porto Alegre, 11 de agosto de 2005. Entrevista com Oberdan Goulart Peres, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Oberdan, eu gostaria que tu começasse me contando como foi teu envolvimento com a ESEF¹, como tu chegaste na ESEF a cursar Educação Física.

O.P. – Eu fiz, em 1989, um teste vocacional, onde deu para Engenharia Química [palavra inaudível]. Fiz o vestibular em 1990 para Engenharia Química e não consegui passar. Em 1991 eu fiz para Educação Física e eu rodei na primeira vez que eu fiz. Em 1992 eu retornei para fazer a Educação Física onde daí eu consegui a aprovação. Para mim era uma novidade, não tinha noção do que era estar na UFRGS², mas para a família era um sonho. Então eu entrei sem saber, mais ou menos, o que fazer lá, o que era a Educação Física. Até hoje eu sinto coisas bem diferentes do que quando eu entrei na Escola. Eu encontrei uma Escola também buscando uma identidade. Havia muita discussão na parte mais técnica, mais na parte de Escola, como que se atendia e procurava. Se dizia que tinha um currículo generalista, que abrangia varias atividades, vários conteúdos, buscava de alguma maneira a sua identidade. Aí que eu comecei a ter o contato com o pessoal. Para mim era muita novidade e com o tempo a gente foi começando a conhecer. O professor Betão³, peguei o ultimo semestre com ele, depois ele viajou. Então foi muito interessante essa cadeira com ele de Introdução a Educação Física. Ali que eu senti que era paulada, a primeira coisa de o que era a Educação Física, que não era só jogar. A gente pode pensar que é só isso, isso a historia prega, a escola e tudo mais. E com o Betão eu comecei a ter noção do que era a Educação Física. Logo a seguir tive com a Silvana⁴, uma disciplina com ela, e a gente começou a ver o que era o outro lado da Educação Física. Até então, eu estava me achando e eu mesmo me dizia que eu nunca ia trabalhar em escola e tudo mais, que não era o que eu queria, e hoje eu vivo dando aula para 15, 16 turmas. O que eu mais quero é dar aula para os pequenininhos principalmente. Adoro mesmo, de paixão, dar aula. Então, nessa época era muito difícil, nós pegamos já de cara... Quando nós entramos em 1993, coisa de jovem, eu, com 20 anos, 21 anos, me matriculei, eu me lembro em 1993, em 9 cadeiras, uma

¹ Escola de Educação Física

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Alberto Reinaldo Reppold Filho

⁴ Silvana Vilodre Goellner.

loucura. Eu tinha todo tempo do mundo na Escola, tudo, e comecei a me interessar pelo o que a Escola tinha na época. Foi quando surgiu uma reunião, uma assembléia geral, a questão sobre o Diretório Acadêmico, o até então chamado Diretório Acadêmico Paulo Hollerbach, nome de um aluno que foi da Escola. Nisso ninguém queria assumir, o pessoal já estava se formando e não tinha ninguém e achava que era muita coisa. Em uma conversa com um colega de barra, o Flávio Muller⁵, vulgo PT, ele agitou e tudo mais e propôs, de repente, em vez de fazer uma chapa com um presidente, não ficar muito envolto nele, nós fazermos uma com três, uma trindade, esses três que iam dividir funções. Ficou eu, o Mauro⁶ [palavra inaudível] e o Flávio Muller, o PT. Tinha a participação vital, muito importante, da Nair⁷, a Naná Casagrande, que parece que ela esta na Escola de novo. Tinha o pessoal do PET⁸, que vinha para a discussão, tinha a Fátima⁹, a Cíntia¹⁰, um pessoal que ajudava bastante, que tinha idéias. A partir daí, nós começamos a levantar o D.A. a tentar estar bem mais próximos dos alunos. Nós começamos a fazer parte de todas as matriculas, a tentar orientar as matriculas, porque não tinha esse trabalho para orientar as disciplinas, o que era tal disciplina, não tinha na ESEF. E me parece que com o tempo isso passou a ter mais, a própria COMGRAD¹¹, foi com a Wrana¹², que ela assumiu, e teve a primeira, toda a organização dentro da ESEF de COMGRAD, departamento, estrutura e coisa. Nós começamos a buscar, porque nós também não tínhamos um cronograma, não tínhamos um plano de trabalho que é um Diretório Acadêmico, e começamos a montar esse plano de trabalho, como que ia funcionar esse nosso programa. Nós agindo muito com os alunos, e diretamente com os alunos. Por exemplo, teve musculação ao meio-dia, a natação ao meio-dia, tudo o que a Escola tinha de espaço a gente procurava tentar. E então foi muito importante, a gente tentava abrir espaço, o pessoal entrava e já atacava direto, tinha todo aquele contato com os bixos que entravam, explicávamos como que funcionava, e era isso e era aquilo e tudo. Isso nós sentimos bastante. Então ainda hoje encontro muitos colegas, e muitos [palavra inaudível] conhecem muito a mim, mas eu não todos os colegas. Mas acho que a gente marcou época por ser muito próximo dos alunos, e nós procurávamos fazer festa para atrair, para [palavra inaudível] o diretório acadêmico. Teve vários que... O

⁵ Nome sujeito a confirmação

⁶ Nome sujeito a confirmação

⁷ Nair Casagrande

⁸ Programa de Educação Tutorial

⁹ Nome sujeito a confirmação

¹⁰ Nome sujeito a confirmação

¹¹ Comissão de Graduação

ginásio da Escola, e uma foi bem engraçada porque o piso não tinha chegado ainda, e o piso era comprado da França e depois chegou e ficou trancado na alfândega. Não chegava e nós marcamos uma festa onde tinha só cimento, tínhamos preparado tudo, a festa das bruxas. Nós [palavra inaudível] toda universidade, botamos anúncio na rádio Atlântida, fizemos junto com a Biologia. Eu sei que na semana anterior nós tínhamos muito ingresso vendido, estávamos apavorado com o que tinha dado de [palavra inaudível], muito forte na semana. A festa era no sábado. Quando foi, na semana, na segunda-feira, chega o piso na Escola, se apavoram e o diretor, o Ricardo Petersen¹³ chama o [palavra inaudível]. “Esse piso vai chegar [palavra inaudível], a festa não pode sair”, e nós apavorado, estava na rádio estava em tudo, mais de 800 convites vendidos, não tínhamos o que fazer. Nós apavorados e “não, nós vamos tentar”. Aí surgiu a idéia de buscar na Brigada Militar, ali na Silva Só, uns tapumes que eles tinham e coisa e tal. Resolvemos tapar tudo e conseguimos os tapumes. Olha, fomos eu, o Rato¹⁴, o PT, o [palavra inaudível], muita gente veio falar que éramos muito, de mais e tudo. Nós que carregamos aquele caminhão e fizemos uma, duas viagens cheia de tapume e forramos toda aquela, o piso novo que chegara, nunca usado, nem pela Escola, todo pintado. Forramos e deixamos um lado lá mais forte onde seria o bar e ali foi o bar, com medo, porque às vezes quebra uma cerveja. Já bolamos tudo, compramos copos para não esquentar a garrafa e tudo mais. E quando acaba a festa, foi um sucesso. Uma briga com o pessoal do Paiva¹⁵ ali, alguém xingou o segurança e ele deu um tiro para cima, daí se afastou e a festa acabou as seis da manhã, mas tudo tranqüilo, ninguém se machucou, nem nada. E aí que nós começamos ainda a tirar todo o tapume que tinha, deixar tudo pronto para segunda-feira. Quando a gente olha para a entrada do ginásio, quebraram varias cervejas, vazou o tapume ali e manchou *todo* piso novo [riso]. Nós ficamos apavorados, começamos ali com detergente, com material que nós achamos lá numa cozinha, porque estávamos só nós na Escola, com a chave da Escola tudo, a ficar lá esfregando, esfregando. Não eram nem um, nem dois, era importante que tinham mais de 15 pessoas, esfregando, esfregando. A biologia toda já tinha ido embora, era só nós, só o pessoal da ESEF ali. O pessoal porque sabia que não podia, ele tinha acabado de chegar, porque a gente pedia tanto uma quadra decente, uma quadra boa, tinha chego essa quadra, esse piso bom. Tem até hoje lá e nós com aquela mancha, uma mancha incrível, uma

¹² Wrana Maria Panizzi

¹³ Ricardo Démetrio de Souza Petersen

¹⁴ Nome sujeito a confirmação

¹⁵ Nome sujeito a confirmação

mancha esverdeada no canto da quadra, bem na entrada do portão principal, onde era o LAPEX¹⁶, agora acho que é o Centro¹⁷. E aí nós esfregando, esfregando, esfregando e olhávamos e não saiu ainda [riso] e olha, nós ficamos até as nove da manhã, sem dormir, sem nada, ali esfregando, limpando. Olhamos e bom, daí saiu. Não contente, o Ricardo quis olhar segunda-feira o ginásio como que estava o piso da Escola, que ele tanto custou para trazer. Graças a Deus, não sei, secou o piso assim, a grosso modo. Não tinha grande diferença, mas se tu desse uma olhadinha [riso] tinha uma camada que destoa da cor, porque quando a gente começou a tirar e saiu aquilo, saiu a cor do piso. Se tu der uma olhadinha dá uma diferença de cor, não sei se já foi pintado aquilo ali. Não, acho que não pode ser pintado, mas tem uma diferença de cor naquela região ali. Foi incrível, foi meio assustador, mas foi muito bom porque a gente fazia as festas, tudo para arrecadar dinheiro para o diretório acadêmico, promover, pagar. Nós tínhamos sempre presentes, dois ou três presentes estudantes na Executiva Nacional de Estudantes e isso foi uma briga muito forte da Nair. Nós tínhamos que participar, que entrar. Até que em 1995 eu e a Nair entramos na Executiva, ela como coordenadora e eu na parte de finanças com uma menina de Pelotas¹⁸. E nós procuramos também sempre trazer [palavra inaudível] para dentro da ESEF. E a pessoa muito importante é o professor Ricardo Petersen que dava apoio total para o diretório acadêmico, nos ajudava com o que nós pedíamos. A gente chegava lá pedindo, sempre aquela história toda, como foi montada, hoje o que é, toda aquela parte nova da Escola. Para mim é nova, a secretaria, a sala de computadores, tudo foi montado em reunião com os alunos. Os alunos tinham, nós íamos nas reuniões e ele deixava aberta para sugestões. Tinha toda uma proposta ainda para usar todo aquele prédio do LAPEX para fazer um vestiário, fazer coisas, tudo que ele já pensava. Então o Ricardo pensava, pensa muito longe nessas questões, ele dava muita força para nós e sempre cobrava e exigia da gente que nós tivéssemos nossa postura nessas coisas. Nos ajudou muito na Escola e ajudou muito a Escola. Ele tinha uma função muito forte, pegou um período onde a Escola buscava essa identidade e nós tínhamos muito poucos professores na Escola, professores da Escola, muita gente viajando. Vamos lembrar, saiu o Betão, a Silvana saiu depois, o Gaya¹⁹ não estava, estava recém voltando, o Brauner²⁰ estava voltando, não estava no

¹⁶ Laboratório de Pesquisa do Exercício, fundado em 1973

¹⁷ Centro de Memória do Esporte (CEME)

¹⁸ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁹ Adroaldo Cezar Araujo Gaya

²⁰ Mário Roberto Generosi Brauner

começo, o Guimarães²¹ não estava. Tem mais gente, o Brauner, o Stigger²² também. O Stigger estava na Escola, prestes a sair. Então muita gente nova na Escola e foi uma proposta que a Escola teve de botar esse pessoal para fazer doutorado. A Escola ficou com um pessoal mais novo e ele segurou a barra legal, o Ricardo. E tinha o vice dele que a gente não pode esquecer, o professor Rangel²³, incansável, numa correria, era o legítimo faz-tudo. Tinha que furar uma parede, ele ia lá e furava, tinha que levar alguma coisa, ele ia lá e levava. Ele mesmo cavava a pá, colocava a terra e ainda tinha aula de atletismo. Então o professor Rangel era uma pessoa fantástica, sempre a disposição, sempre ao nosso dispor e também cobrava da gente, a nossa postura nas coisas que nós tínhamos que fazer. Então começou a se montar isso aí e eu comecei a participar muito do diretório acadêmico. Depois o Rato veio a sair da direção, ficou só como ajudante, começou o trabalho dele, ficou muito cheio por causa do trabalho e aí começou eu tomando as pontas, mas com a Naná, com a Nair, com o Flavio. Eu na parte mais de execução, na parte de agilizar nossas atividades que nós tínhamos nos proposto a fazer. A grande questão política que fazia nós “opa”, botava o dedo na nossa molera, era mesmo o Flávio e a Naná, os dois preocupadíssimo, sempre questionando como que poderia ser melhor, vai ter que abrir e queria discussão. Eu me lembro outra passagem engraçada: vinha de uma questão dos alunos, nós pedíamos ali na parede, quando sai do diretório e do bar, ali tinha uma parede toda sem uso, onde, se não me engano, tem uma sala, acho que xérox, se não me engano, que desce para as escadas lá para baixo. Tinha aquela parede e nós pedimos a tinta para pintar aquela parede. Daí o primeiro dia foi de branco e um dia nós marcamos [palavra inaudível], começamos a pintar com spray, com desenhos, com figuras e o pessoal estava naquela loucura ali pintando. Daqui a pouco desenharam o peito de uma mulher, com os seios bem grandes e escreveram assim [palavra inaudível]: “Também quero mamar nessa teta” e colocamos o nome de alguns professores da Escola que, por um motivo ou outro, não dava aula para a graduação. Davam aula para o pós, pegava projetos de extensão, de pesquisa e nós queríamos, esses professores, tão falados, conhecidos, formadores de opinião, escrevem vários livros, não dão aula para nós. Então foi uma e foi o primeiro enfrentamento nosso, do D.A. Eu sei que na segunda-feira três professores estavam lá na porta do diretório acadêmico e queriam tirar o que nós colocamos e nós reivindicamos que queríamos eles para dar aula: “Queremos vocês para dar aula, vocês ficam dando aula para

²¹ Antônio Carlos Stringhini Guimarães

²² Marco Paulo Stigger

o pós-graduação e nós, a graduação que é a base”. Nós questionamos isso, porque eles não davam aula para nós e eles queriam tirar, mas não foi tirado. Ficou ainda um bom tempo aquilo lá, até que se tapou, foi pintado, mas ainda esta lá, na parede. Na última vez que eu olhei, estava metade pintada outra metade estava tapada até onde estavam os nomes. Então tudo foi uma história onde os alunos foram criando, foram buscando uma identidade, buscando uma formação, embora tinha, sempre tem, eu acho que isso vai ter sempre, a turma do pessoal que está preocupada, que está interessada. Tem o pessoal que vai no ‘oba-oba’, que [palavra inaudível], tinham muitos ali que saíam direto e iam tomar cerveja, iam para as aulas bêbados coisa e tal e tinham muitos casos desses, mas acho que isso não ocorre só na educação física, ocorre em todos os cursos. Gente que não está interessada e sei que até hoje muitos desses não trabalham nem na área, trabalham em outras funções, não exercem função na área. Então a gente se [palavra inaudível] isso. Eu acho que o nosso maior pico foi quando a gente trouxe, em 1995 para a ESEF, o segundo EREEF²⁴. Tinha a executiva que fazia o ENEEF²⁵, tinha na nossa executiva regional, que era nós, Paraná e Santa Catarina²⁶, a regional. Teve o primeiro no Paraná, em Curitiba²⁷, e nós fomos, a ESEF foi com um ônibus, nós bancamos um ônibus, o pessoal foi e fez os seus cursos, participou, interagiu [palavra inaudível] político, fora isso e ficou lá para nós trazerem para a ESEF esse encontro, o segundo encontro regional de educação física. E nós ainda, sem saber assim, mas topamos, “vamos topamos, vamos”, sem saber no que isso dar. Aí fizemos, mas tínhamos que esperar os COREEF’s, que era os Conselhos Regionais de Educação Física e fomos eu e a Nana para um COREEF em Florianópolis²⁸ com o pessoal lá. Nós fomos para saber com o pessoal de Pelotas que participa de [palavra inaudível], tinha a Tamires²⁹, a Adriana³⁰, tinha um monte de pessoal de lá, Carina³¹, que era presidente da ExNEEF³², o pessoal de Santa Catarina, o pessoal de Florianópolis, de Paraná, Curitiba, o Rodrigo³³, o pessoal do IPA³⁴ aqui presente, tinha o Cássio³⁵, hoje

²³ Antônio Barbosa Rangel

²⁴ Encontro Regional de Estudantes de Educação Física

²⁵ Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física

²⁶ Estados Brasileiros

²⁷ Capital do Estado do Paraná

²⁸ Capital do Estado de Santa Catarina

²⁹ Nome sujeito a confirmação

³⁰ Nome sujeito a confirmação

³¹ Nome sujeito a confirmação

³² Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física.

³³ Nome sujeito a confirmação

³⁴ Rede Metodista de Educação do Sul.

trabalha na AABB³⁶. Então esse pessoal foi para lá, e se levantou ali o tema e quais pessoas iriam vir, e nós começamos a ver lá que eram muitas pessoas de fora. Não tínhamos como trazer esse pessoal para cá, e dizer: “Olha, nós damos a passagem para vocês, mas não vamos dar nada para vocês. Vamos dar somente estadia, alimentação e isso aí”. Então só ali, já foi difícil, porque ninguém queria vir de graça, inclusive ninguém... Só queria ganhar grana e o pessoal indicou uma série de nomes e nós começamos a buscar esses nomes. Às vezes acontece, a gente levanta um nome e a gente não consegue e tenta outro nome. Deu a coincidência, o trabalho nosso foi tão, deu sorte também, muita sorte, todos os nomes levantados por ali nesse COREEF, todos a gente conseguiu trazer. Quando nós tivemos uma reunião com a ESEF, eu acho que a ESEF ainda não tinha se dado conta, a direção da sede era do Ricardo. “O que era isso”, um grupo dos próprios professores viram que os próprios alunos já estavam agitando para fazer um encontro aqui, a gente pediu, eles [palavra inaudível] toda semana. Pedimos as salas no sábado, domingo, como que ia ser tudo, mas acho que eles ainda não tinham a dimensão do que ia ser esse EREEF, e o pessoal ia ficar todos alojados na ESEF. A gente estava tentando arrumar isso tudo, e começamos a trazer, a fazer o contato com os professores e quem ficou de fazer o contato fui eu. A gente conseguia com um telefone ligar para as faculdades, para o professor tal e pedia tudo, e falava com o professor, colocava, a Nana fazia todo o [palavra inaudível] porque o tema, a mesa tinha um nome, mas que, para bater com o tema do encontro que era a Educação Física na busca da sua identidade, da sua cara. Tinha o desenho, eram duas máscaras que eram o símbolo do teatro e o nome da mesa era alusivo ao tema do encontro. Depois embaixo vinha a proposta do que era a mesa. E muitos professores ficaram [palavra inaudível], ligaram para o Ricardo e: “Ricardo, olha aqui, o que é essa mesa aqui, porque eu vou falar, quem vai estar do outro lado é o outro e eu tenho que saber bem o que é o tema para falar com esse cara”. Então quando a gente foi ver, o Ricardo disse: “Mas quem é que está vindo para cá?”, o Ricardo perguntou para saber quem é que a gente ia trazer, “Por que acabou de me ligar agora o Go Tani, vocês vão trazer o Go Tani, vocês sabem quem é o Go Tani?”. Go Tani, eu falei com ele, mas não tinha nada dele, livro, mas quando eu comecei a ver uma bibliografia dele, eu disse: “Opa, esse cara é um monstro” porque entra Negrine³⁷, entra Adroaldo Gaya e o Go Tani está vindo para cá e era amigo pessoal do Ricardo e ligou pra ele e disse: “Olha, estou numa mesa com Lino Castellani Filho”.

³⁵ Nome sujeito a confirmação

³⁶ Associação de Amigos do Banco do Brasil

Outro monstro que só ouvimos Castellani na hora da [palavra inaudível] e o cara estava vindo para a ESEF. E o Go Tani estava apavorado porque, “Qual é o tema, porque eu vou falar com o Lino, Ricardo” e o Ricardo disse: “Vocês vão trazer o Lino também? Mas quanto que ele cobrou?”. Não cobrou nada, somente a passagem e o Go Tani também. O Go Tani até foi camarada porque ele estava vindo para o encontro. O Go Tani era professor de alguma coisa ligada a pesquisa, CNPq³⁸, e ele vinha para um encontro do CNPq aqui em Porto Alegre³⁹ e ele estava alojado em um hotel. Bom, nós conseguimos um hotel [palavra inaudível] isso eu me lembro da Viviane⁴⁰ e do Cláudio⁴¹. Varreram todo centro em busca dos hotéis, entraram em cada hotel e viram quanto que custava, sentaram em cada cama para ver se a cama era boa, como que era. Aí encontramos um hotel [palavra inaudível] meio escondido, bem no centro de Porto Alegre, era para baixo de umas escadas, era para baixo da terra, mas era incrível. O hotel era muito bom, conseguimos ali tudo para eles, e começamos a ver professores de Santa Catarina e, daqui a pouco, a gente fez contato com Gabriel Palafoz⁴² - professor mexicano, está em Minas Gerais⁴³ com um trabalho de formação política muito interessante - para dar uma oficina de formação política para nós. E ele [palavra inaudível] lá da Uberlândia⁴⁴, se prontificou da maneira mais tranqüila, disse que vinha, não queria saber nada de dinheiro, disse que se não tivesse passagem de coisa, ele vinha mesmo, ele pagava. Olha, incrível esse homem e o próximo da lista era o doutor Apolônio⁴⁵ [palavra inaudível]. Então eu também não conhecia outro professor muito... Fazia esporte na área de inclusão, na área de deficientes e ele ficou assim, perguntou se tinha algum valor a ser dado, coisa e tal. Falamos que não [palavra inaudível], que a passagem ia ser mandada e tudo. E ele, “não, pois é”, mas, quando ele viu a importância que nós fizemos, pedimos para ele, se prontificou, veio sem nenhum problema quanto a isso também. Isso os dois, foi demais. Teve mais pessoas que vieram para cá, muita gente que veio. Teve professor de Campinas⁴⁶ que veio, não me lembro o nome dele, também tivemos que [palavra inaudível]. Me lembro ainda que, o ponto culminante, foi no sábado

³⁷ Airton da Silva Negrine

³⁸ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

³⁹ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁰ Nome sujeito a confirmação

⁴¹ Nome sujeito a confirmação

⁴² Nome sujeito a confirmação

⁴³ Estado Brasileiro

⁴⁴ Cidade do Estado de Minas Gerais

⁴⁵ Apolônio Abadio do Carmo

⁴⁶ Cidade do Estado de São Paulo

onde tinha a tão aguardada mesa com o Go Tani e o Lino Castellani Filho. O Lino tinha saído de Campinas e estava em uma outra cidade do interior de São Paulo⁴⁷ ainda e não estava conseguindo e nós mandamos todas as passagens aéreas. Na realidade era a única, compramos as passagens aéreas sem dinheiro para pagar, nós não tínhamos dinheiro para pagar, estávamos esperando arrecadar com o evento e aí pagar as coisas [palavra inaudível] e tudo mais. Daí a gente começou a ver que o dinheiro que estava entrando não ia dar para pagar, tinha hospedagem, tudo mais, e aí o Ricardo pegou, chamou o Adroaldo Gaya, que estava na Escola. O Adroaldo Gaya tinha todo um trâmite dentro da UFRGS. Conseguimos acionar o Conselho de Pesquisa, tinha um nome, um sigla, mas agora não me lembro qual é, tinha a PROEXT⁴⁸, tinha a... Coisas de pesquisa. Ele acionou e eles pagaram as cinco passagens aéreas que nós tínhamos colocado e, acima de tudo, era via transporte, ele conseguiu todas as passagens para o pessoal, e nós tivemos que pagar somente a hospedagem e o Ricardo pegou a professora Silvia⁴⁹: “Não, mas onde que eles estão?”, mas nós fizemos, reservamos um café para o Ricardo e o Ricardo começou a ver que [palavra inaudível] “Mas aonde que esse pessoal está alojado?” “No Hotel Paiva, não conhece esse hotel?”. Aí ele pegou com a Silvia e tirou todos desse hotel, também não sei como eles conseguiram pagar aquele hotel. Então foi importante, decisivo [palavra inaudível]. Eu também ligava e falava: “Professor assim, professor tudo, não sei o que”, quando eu comecei a ver que vocês, que começou a falar o Go Tani, o Lino, Apoloni, tinha um professor de Santa Maria⁵⁰, agora não estou me... Já faz um tempo. Estou com 55 já. Era muita gente boa, um pessoal, um professor que falava de futebol num clima didático, não pedagógico, não aqueles que vão falar de sua história como jogador, não. Ele tinha toda uma didática, um trabalho, um professor de Santa Catarina que falou sobre futebol, também não me lembro, a professora Iracema⁵¹, de Santa Catarina, é outra que tem um trabalho ‘show de bola’. Então nós tínhamos ali muito conceituados. Trouxemos o professor Edmilson⁵², aqui de São Leopoldo⁵³, mais um pessoal aqui de Porto Alegre que estava presente. Esse evento foi ‘show’ porque todo ele muito bem realizado, elaborado. Nós nos juntamos, tivemos um grupo de apoio impressionante, em toda a Escola, o pessoal

⁴⁷ Estado Brasileiro

⁴⁸ Pró-Reitoria de Extensão

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação

⁵⁰ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁵¹ Iracema Soares de Sousa

⁵² Nome sujeito a confirmação

⁵³ Cidade da região metropolitana de Porto Alegre

participou com a gente, tinham as divisões, nós dividimos tudo, tinha a organização geral, tinha o pessoal que atendia, que buscava no aeroporto e levava para o hotel, e trazia todo pessoal. E nós fizemos todo esse contato e ficou perfeito, a própria executiva depois vendo a importância, se deu conta: “Só um pouquinho, nós trouxemos muitas pessoas caras”. Aí se reviu até depois esse encontro para que não fosse tão dispendiosos como esse, mas saímos na segunda-feira com a cara de dever cumprido, trabalho. Acho que se buscou aquilo ali, nós fizemos todos os certificados, passamos para a direção que imprimiu todos eles [palavra inaudível], bastante número de inscritos, que fizeram as oficinas, participaram das oficinas, interagiram bastante com a gente. Então foi um fato muito importante para a ESEF, e para nós, como pessoa. Isso foi muito importante. Esse EREEF ficou marcado, pena que não se tem registro muito disso, eu acho que não se tem registro nenhum de fotos do evento, não me lembro disso, se ficou na Escola, lá no diretório. As cartas ficou lá, que a gente mandava, as respostas que vinham, algumas até eu tinha encontrado aqui comigo também. Depois eu passei essas cartas, eu me lembro que foi um encontro. Eu tenho uns diplomas desse encontro, que eu guardei, depois vim a usar eles quando fui entrar em Canoas⁵⁴, para a prova de títulos. Então foi uma parte muito importante para mim, eu estava me achando muito no que estava fazendo na Educação Física. Eu conheço um pessoal muito grande que me conhecia antes da ESEF, sabe que eu fui outro na ESEF.

K.D. – E tu te lembras quantos estudantes vieram naquele EREEF, mais ou menos?

O.P. – [palavra inaudível].

K.D. – Quantos participaram entre aqui, os da Escola?

O.P. – Ah sim, em torno de 400.

K.D. – E a ESEF participou, os alunos?

O.P. – Sim, participaram bastante, muito boa a participação, a gente ficou muito surpreso com isso, ficou cheia de barraca, bastante [barulho externo muito alto].

⁵⁴ Cidade da região metropolitana de Porto Alegre

K.D. – Qual, da tua época, era o perfil dos alunos da ESEF? Tu acha que teus colegas procuravam a ESEF para uma formação por algum nicho de mercado específico?

O.P. – Procuravam, procuravam para, a maioria [palavra inaudível] que não trabalhavam em escola e sim em academia.

[FINAL DA FITA 104/01-A]

O.P. – É muito simples, tinha idéia de trabalhar nessa questão mais técnica, de futebol, de academia, acho que isso começou a ficar evidente, porque tinha muitas disciplinas, ginástica fundamentos pedagógicos. Depois tinham outras ginásticas e muitas delas partiam do mesmo conteúdo das disciplinas e os alunos começaram a colocar que queriam ginástica de academia, “a gente quer coisas relacionadas à academia”. Isso começou [palavra inaudível], os alunos não queriam... E as disciplinas de ensino, eram lotadas, tinham porque tinham, eram cadeiras obrigatórias e o pessoal tinha que fazer aquelas cadeiras, mas muitos não queriam nem saber em fazer. Então faziam porque tinham que fazer, mas não estavam a fim [palavra inaudível], a grande maioria da parte, de academia, direto, isso era muito forte dentro deles. Tinha essa vertente bastante forte e tinha essa voltada para a escola, para atender o aluno, para ver essas questões que permeiam a educação física, que estão na busca da sua identidade. Lembro que isso muito citado pelo Betão, qual nosso paradigma, o que é a educação física, e o PT vinha assim: “pessoal, vai ter o encontro na rua para nos questionarmos e os médicos, os estudantes de medicina, vão ir de jaleco, os de enfermagem vão com estetoscópio, os outros vão com não sei o que, os de direito vão com as pastinhas deles. E nós vamos como? Vamos de apito? Vamos de jogador de futebol? E aí, como a gente vai ir, a gente não sabe nem como que vai”. Então a gente tinha essas discussões, como que a gente ia se portar com isso. Então ficávamos nessa. Dentro da ESEF tem essa divisão e por isso, acho que eu vi agora que tem na ESEF essa diferença, de Licenciatura e Bacharelado, que já vinha, já tinha isso em São Paulo [palavra inaudível]. Nós estávamos em estudo de currículo, participávamos das reuniões que tinham estudo sobre currículo e eu participei de muitos, todos movimentos que tinham ali eu participei, passei por todos departamentos, posso dizer. Passei pela COMGRAD, passei pelo departamento de... Antes eram separados, mas parece que agora são juntos, departamento de Ginástica e Recreação e departamento de Desporto, passei pelos dois, um

sob a chefia do professor de Ginástica Olímpica, que trabalha na FEEVALE⁵⁵ também, que da aula lá, e depois na de Desporto, pelo Mário Brauner na chefia e pelo Alexandre Nunes⁵⁶. Então passei no departamento com o Conselho Departamental, e depois a grande que ficou o nome era a Congregação, que todos os departamentos, que vai [palavra inaudível] de cada setor presente. Então a gente discutia, nos éramos colocados, éramos ouvidos pelo presidente, sempre. Aqui era o nosso espaço, porque nós temos que agir, mas muitas vezes a gente não age, nem sabe que tem e nós tínhamos esse acesso, buscávamos isso. Até me lembro uma [palavra inaudível] que a gente fez, foi quando teve o ENEEF em Cuiabá⁵⁷, o PET prontamente disse que queria ir, se juntou com o pessoal de Pelotas que queria ir. Estava fechando um ônibus e tudo. De um lado tinha um pessoal da gandaia que iria e o PET comprou um briga e coisa e tal “não, mas porque esse pessoal vai ir junto? Nós vamos ficar apertados, vamos com o pessoal de Pelotas e a gente quer viajar bem”. Foram dois ônibus para Cuiabá. Fui no ônibus, esse do PET, lá de Pelotas, que era um ônibus leito, o outro era um ônibus comum e se dizia desse lado que esse ônibus era o ônibus do bem e o outro o ônibus do mal. Porque lá ia ter durante toda viagem cerveja e ia ter tudo, mais não sei o que, no outro não ia ter. Então foi tranqüila a ida para lá, Cuiabá, uma cidade muito quente. Teve todas as atividades. Claro, tinha um pessoal que não participava e não só nosso, tinha um pessoal de fora lá que não participava. A partir dali que nós entramos na Executiva, aquele ENEEF de Cuiabá foi o único que eu fui. Depois nós voltamos, começamos a trazer para a ESEF o pessoal de Pelotas. A gente começou a abrir, começamos muito a ir para Pelotas, Santa Maria fomos uma vez, começamos a ir, a voltar, a Tita⁵⁸ pegou contato com o pessoal de Pelotas, com Santa Maria. A gente trocava direto informações, questionamentos [palavra inaudível] e a Carminha⁵⁹, que era uma grande líder no movimento estudantil. [palavra inaudível] a gente buscava. Tinha um pessoal *lá da Bahia*⁶⁰ que era o líder e tinha assim que, alguma coisa pelo telefone, outra coisa para gerenciar para tocar um grupo que tem um lá na Bahia, outro em Pelotas, Porto Alegre. A gente ficou bem quebrado naquela época, a Executiva em si. No início nós estávamos em processo de formação, nós chegamos em [palavra inaudível] e se formou o Flávio e se formou a Nair, eu ainda fiquei, quis ficar embora já tivesse os meus créditos

⁵⁵ Inaugurada em 24 de março de 1970, em Novo Hamburgo.

⁵⁶ Alexandre Veli Nunes

⁵⁷ Capital do Estado do Mato Grosso

⁵⁸ Nome sujeito a confirmação

⁵⁹ Nome sujeito a confirmação

para ser formado, quis ficar mais tempo. Nós ficamos ali mais esse último ano para preparar, para vir tudo. Eu me lembro que nessa viagem para Cuiabá, nós tínhamos um colega que estava entrando no Diretório Acadêmico, que estava interessado, preocupado, era o Leonardo Tartaruga⁶¹, depois veio a ser professor da ESEF, parece que da aula na Ulbra⁶² e ele tinha pegado quartel, no CPOR⁶³. Ele não queria, mas pegou o quartel e não pode viajar para Cuiabá por causa do quartel, porque no CPOR ficava um mês servindo. A partir dali eu comecei a entrar, participei, entrei no projeto da professora Jane⁶⁴, de educação física para portadores de deficiência mental, síndrome de down, lá na piscina, na natação. Entrei nesse projeto, comecei a me interessar por outra área que estava ali surgindo, como um grande nicho de inclusão e aí foi quando, junto com isso, o professor Camargo⁶⁵, a professora Jane e muitos alunos lançaram os livros de [palavra inaudível] adaptada, de algumas coisas em geral, futsal, voleibol, judô, basquete [palavra inaudível]. Estava surgindo para nós e para eles essa área também. Hoje tem muitos alunos de inclusão lá, tentamos incluir, mas muitas vezes o sistema não oportuniza isso para eles e aí foi outro encontro bastante forte que a gente teve. Também não podemos deixar de ver a parte esportiva da ESEF que estava meio... Quando nós entramos, não tinha muito... Nós botamos de volta os *antigos*, chamados jogos Inter-barras, jogavam barra tal contra, cada um se dividia no seu ano, na barra em que entrou, 93/1, 93/2, 94/1, 94/2, e se estipulava a partir de um ano que era a barra da saudade, o pessoal que estava a muito tempo na ESEF, coisa e tal. Eu me lembro que o primeiro ano, depois a gente vai crescendo, a gente entra no primeiro ano, 92/1, ou a minha barra que é 92/2. Quando passa o tempo na ESEF, a gente começa a ser a barra da saudade, o tempo passa muito rápido. Eu entrei em 1992 e já estávamos em 1995 e já estávamos quase acabando, virando quase a barra da saudade. E nós agitamos dentro... Começamos a participar, tivemos dois colegas que entraram na PROEXT e começaram a agitar, o Luis Rodrigo⁶⁶ e o Luis Oscar⁶⁷. Aí voltou a ter os jogos em todas as faculdades. Os jogos eram feitos na ESEF, arbitragem, o pessoal nosso apitava [palavra inaudível] e aí que veio o convite da UNISINOS⁶⁸ que já tinha uma

⁶⁰ Estado Brasileiro

⁶¹ Leonardo Alexandre Peyré Tartaruga

⁶² Universidade Luterana do Brasil.

⁶³ Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

⁶⁴ Nome sujeito a confirmação

⁶⁵ Francisco Camargo Netto

⁶⁶ Nome sujeito a confirmação

⁶⁷ Nome sujeito a confirmação

⁶⁸ Universidade do Vale dos Sinos

professora que participava, mas de maneira isolada. Então veio os jogos da Copa Unisinos, e, em 1994, veio em cima do laço. Nós entramos somente com o pessoal da ESEF. Foi colocado e entramos, ficamos no geral em terceiro lugar. Aí eu mesmo pensei, “nós precisamos agilizar esse esporte, não somente a nível de ESEF, mas a nível de toda faculdade”. Começamos com o pessoal do diretório, fizemos um levantamento de como a gente poderia agilizar isso, pensamos em montar equipes, ficar jogando o ano inteiro, com coordenadores. Começamos em 1995, já na matrícula, colocamos cartazes, para todas as disciplinas, todos os cursos, quem quisesse matricular, jogar na equipe, ligar, ir na ESEF falar com Oberdan, com Rafa⁶⁹, com o pessoal. Para a nossa surpresa, a procura foi muito grande, de todos os cursos, gente que sabia, gente que não sabia, gente que queria jogar, gente que queria treinar. A gente dizia que não era escolinha, que a gente queria era montar equipes e tudo. E nós fomos, aquilo se criou. Tínhamos rapaz da Biologia, da Geologia, Engenharia de Alimentos, curso que a recém tinha entrado na ESEF, do Direito, da Medicina, da Odonto, cursos que a gente nem ouve falar nós tínhamos presentes na ESEF. Selecionamos os nomes das equipes, algumas tinham treinadores, o Mário Brauner assumiu o basquete masculino, tinha o pessoal que ajudava. Com a chegada depois do professor Molina⁷⁰, assumiu o futebol. Então a gente procura um professor que jogava ou alguém que era da área para ajudar o pessoal. Nós montando aquilo ali, se preparando para a Copa Unisinos, já chegando com tudo, com esquematização de jogos [palavra inaudível] ano passado. E aí, o fato de nós termos... Foi que, acabou a Copa Unisinos de 1995, nós conseguimos o primeiro lugar de quase todos os esportes coletivos. Conseguimos, se não ganhar, chegamos em segundo, ou terceiro, e foi assim. Ganhamos de uma diferença de pontos, primeiro e segundo, que era quase o dobro ou muito próximo disso, de pontos e o mérito principal para mim, foi feita em todas as escolas presentes, a entidade mais organizada que se mostrou, não faltou participantes, foi a luta. Então ali mostrou todo o nosso trabalho de uma ano que a gente preparou e aquilo nós conseguimos. E foi a primeira vez que a Unisinos perdeu a Copa Unisinos. Então tem toda uma rivalidade já histórica, porque eles já pagam faculdade, nós não pagamos, a diferença de quem é formado na UFRGS, *tem uma diferença*. Hoje eu acho que a coisa está mais nivelada, tem muitos professores formados na UFRGS que dão aula na Unisinos, na Ulbra, porque a diferença era muito forte. Formado na UFRGS tinha toda uma polpa no nome [palavra

⁶⁹ Nome sujeito a confirmação

⁷⁰ Vicente Molina Neto

inaudível]. Nós tínhamos uma rivalidade histórica com o IPA, era tipo um Gre-Nal. Então aquilo, nós ganharmos dentro deles, fez eles ficarem muito chateados com isso e até que, em 1996, eles vieram com tudo para ganhar da gente e nos conseguimos derrotar em 1995. Agilizamos com a Escola, com o Ricardo, colocamos ônibus para todo mundo lá dentro, um ônibus para levar o pessoal para os jogos, um ônibus da Agronomia, um ônibus da Biologia, ônibus da [palavra inaudível] parecia que estava caindo aos pedaços, mas ele ia lá para São Leopoldo. Nós pagávamos somente a gasolina para ir, era difícil levar o time, tínhamos horário para sair, para voltar, na volta um dizia “Ai, eu moro longe”. Nós passamos onde tinha que passar, o motorista nos ajudava. Então a gente teve todo esse contato direto. Junto com isso, quando teve um professor substituto, Rogério Voser⁷¹ em 1994, ele estimulando na cadeira dele, uma outra didática, até que os dois primeiros livros dele ele fez dentro da ESEF, e, no primeiro livro, tenho certeza, acho que no segundo também, quem fez toda parte de desenho foi um colega nosso, da ESEF, que era formado em arquitetura, o Luis Fernando Pinheiro, também de grande atuação no D.A. Todos os nossos cartazes era ele quem pintava, tinha uma outra visão de um outro curso já formado, era funcionário do Estado, depois ele fez o [palavra inaudível] e saiu do Estado, mas tinha toda uma vivência que ele trouxe para nós e ele fez parte do [palavra inaudível] do Rogério Voser. O Rogério Voser [palavra inaudível] importância dentro da ESEF, pelo fato dele também trazer uma outra visão das que nós tínhamos, até então, do professor Barata⁷². Outro nome histórico que a gente conhece, o professor Barata. Mas ele tinha toda uma didática e um trabalho para trabalhar com as crianças, uma seqüência pedagógica, dizia da importância não somente do jogo, mas do jogo como um meio para todo esse trabalho, e junto com isso ele fomentou a criação de um time de futebol feminino. E foi criado um time através do Rogério, junto com o aluno Márcio Vargas. Depois o professor, nosso colega, Álvares da Silva⁷³ veio a assumir também a direção. Aí o Álvares trabalhava como vigilante em Canoas, ele não tinha horário, tinha dia sim, dia não, não conseguia [palavra inaudível]. Aí o time estava lá, querendo jogar coisa e tal e eu resolvi assumir esse time. Assumi sem saber o que fazer ainda. Busquei esse time, comecei a buscar as gurias em 1995, as gurias de fora, veio duas gurias da engenharia de alimentos, uma guria da geologia, uma guria biologia e uma guria da engenharia civil. Buscamos todas essas gurias para jogar aqui dentro. Nós jogamos, o time cresceu, começamos a buscar, a jogar através

⁷¹ Rogério da Cunha Voser

⁷² Nome sujeito a confirmação

da [palavra inaudível], pedimos a Kombi. A Kombi levava, nós pagávamos a gasolina, pagava diária do motorista, jogávamos pequenos torneios, começamos a buscar para jogar, queremos jogar, e participar, atuar no futsal feminino que era muito pouco divulgado no Rio Grande do Sul. Foi então que buscamos o apoio da Escola e conseguimos entrar na Federação Gaúcha através da Escola. O professor Rangel, o professor [palavra inaudível] que conseguiram esse apoio da Escola, deram esse apoio para o time. O time está até hoje, inclusive está na Federação, somente não tem mais jogado. E através do apoio deles [palavra inaudível] nós buscávamos patrocínios, tentávamos e não conseguíamos, começamos a buscar em outros âmbitos, em torneios e começamos a buscar torneios municipais, até chegar ao estadual, começamos a participar do estadual em 1996, com essa equipe que foi criada. Aí, para nós não ficarmos... Nós estamos dentro da Escola de Educação Física, até então o nome dela era, Escola Superior de Educação Física, também participamos dessa troca de nome. Era redundante, nós estamos em uma instituição de nível superior e o nome ser Escola Superior. Então a Escola de Educação Física, e nós estávamos dentro da Escola, com quase assim, 90% dos que jogavam ali eram professores de educação física e nós pensamos no que fazer com isso, “estamos jogando futebol, estamos jogando futsal, queremos a inclusão, queremos que se difunda [palavra inaudível], mas como? O que a gente vai fazer?”. E pegamos, eu, a Gabriela Lins⁷⁴ e o Nelson [palavra inaudível] da Silva⁷⁵, juntamos, fizemos todo um projeto voltado para o futsal feminino, e eu me lembro que o nome dele era bem pomposo, era: “Futsal Feminino: uma prática, desde as camadas de baixo às camadas populares”, uma coisa assim, da sua prática às camadas populares, algo assim. Chamamos somente o professor Barata: “Professor Barata, fizemos um projeto e precisamos de dois bolsistas. Vai funcionar segunda, quarta e sexta tal e tal horário, já falamos com o Adroaldo Gaya” - ele tinha um convênio com a Prefeitura, com a SMED⁷⁶ - “vão conseguir as passagens de vale-transporte, nós vamos dar para nossas crianças, eles vão vir, vão voltar, vamos abrir seleção com a SMED, vamos [palavra inaudível]”. E aí a gente fez [palavra inaudível]. Então nós falamos com ele e ele topou e assinou o projeto. Mas éramos nós quem tocava o projeto, tinha a supervisão dele, passava por ele, mas éramos nós, eu a Gabriela e o Nelson quem tocava o projeto. Então, para nossa alegria, nós tivemos, na primeira turma, mais de 50 crianças. Tinham dois

⁷³ Nome sujeito a confirmação

⁷⁴ Nome sujeito a confirmação

⁷⁵ Nome sujeito a confirmação

⁷⁶ Secretaria Municipal de Educação

horários, colocamos no projeto nível iniciante, nível intermediário e nível profissional, que era quem? A equipe que jogava o estadual. Então procurávamos atingir a maneira de propiciar para essas crianças uma prática, uma oportunidade para sua prática e isso o futsal feminino, uma oportunidade da sua prática para as camadas populares, esse era o nome do projeto. Nós procurávamos oportunizar para elas o futsal de maneira pedagógica com professores de educação física, em curso e também o outro lado que tem e que a gente não pode negar que tem, é o rendimento, a competição, que envolvia a equipe principal, a equipe das meninas que jogavam o estadual. Então procurávamos ofertar isso e nós tínhamos as aulas no ginásio, depois [palavra inaudível] tirávamos as cadeiras, nós usávamos na rua, depois falamos com o professor Rangel, a negociação, nós íamos com professores de escola porque a gente queria privilegiar a graduação para ter as aulas, porque às vezes os professores pediam o ginásio e não usavam, tinham aulas teóricas. Então a gente veio combinar com os professores para usar aquela quadra, quando disponível e nós tocamos o projeto pela gente. O projeto foi indo desde 1997, se não me engano foi feito, e foi [palavra inaudível] em todos os anos. Ele foi um projeto [palavra inaudível]. A Gabriela se formou, eu me formei, só ficou o Nelson, eu ainda fui lá, apareci algumas vezes, mas tinha toda a implicação de não poder dar aula, não podia aparecer que estava com vínculo de trabalho [palavra inaudível]. Aí o Nelson começou a buscar gente para ajudar. Antes de eu sair teve o falecimento do professor Barata e aí nós pensamos: “E agora? Como que vamos ficar agora com o nosso projeto? Não pode acabar o projeto”. Então buscamos o professor Mário Brauner, [palavra inaudível], prontamente se prontificou em aceitar o projeto, desde que também tivesse alguma gerência, que queria participar. Ele sabia da discussão que nós tínhamos e o professor Mário topou e tocou mais paralelamente com o Nelson, que já estava se formando, estava em processo de formatura. E o Nelson tocou com ele. Eu sei que o Nelson se formou e a Ana Carolina Meireles assumiu e depois eu não tive mais notícias do projeto. Eu acho que o professor Mário tocou com a Ana, depois o professor abriu o dele de basquete, acho que tem ainda nas segunda, quartas e sextas, mas não sei se ainda tem, eu acho que não tem mais. Bom, estaria fazendo este ano, dez anos de projeto. Sei que ele chegou até a sexta, ou sétima edição [palavra inaudível], eu estava ainda neste projeto. Foi uma oportunidade. Depois se perdeu o convênio com a SMED, para as passagens. Me lembro que o Nelson fez a parte assim, muito [palavra inaudível]. O Nelson buscou com a parceria privada ajuda para

passagem, alimentos. Uma vez por semana ele ia no Cláudio Lanches⁷⁷ dar um alimento para as crianças, tudo uma coisa que ele buscou para o projeto. A gente tentou fazer o nosso trabalho, incluir um pouco. Depois disso eu entrei, no meu último ano, 97/1, foi meu estágio e ali foi um fato bem importante para mim [palavra inaudível], porque foi... Meu estágio eu fiz com o professor Érico Caraveta⁷⁸, que a recém estava voltando para a Escola. Gostei muito da maneira como ele se portava, como ele colocava [palavra inaudível], gostei muito dele e nós também trocávamos idéias, bastante. Quando teve uma grande greve na UFRGS, greve dos professores, aí nós ficamos naquele... O diretório acadêmico sabendo das lutas que tinham os professores, nós defendendo, e sempre procuramos interagir com o sindicato dos professores, a ASSUFRGS⁷⁹ e a ADUFRGS⁸⁰. Então nós pegamos e pensamos em como ajudá-los e eu estava em uma condição muito grande, porque não entendia a greve... Apóio a greve mesmo fazendo estágio, como que vai ser isso? E todo o pessoal do estágio, fazendo ele e tocando e eu lá fazendo meu estágio. Então nós marcamos uma assembléia, do diretório acadêmico e eu já iniciei meu estágio, já estava dando algumas aulas e aí o [palavra inaudível] decidiu apoiar a greve dos professores. E eu fiquei com um dilema, porque, como que eu, enquanto presidente do diretório acadêmico, o termo era coordenador [palavra inaudível], apoiando a greve e eu estou em aula. Não tem nexo, não tem como fazer isso. Então eu chamei meu professor, pensei bem e falei para ele que em virtude disso, tomei essa decisão para apoiar os professores, embora ele não estivesse em greve, que eu estava entrando em greve, juntamente [palavra inaudível]. Falei para ele assumindo todas as conseqüências que podiam vir do estágio. Então [palavra inaudível] estágio de curso, conclusivo. E para minha surpresa o professor, com a minha decisão de entrar em greve, ele tomou a decisão de entrar em greve, disse que não prejudicaria um aluno que estava tomando uma postura, que era uma defesa que não era nem dos alunos e sim dos professores. Então ele ia entrar em greve para não prejudicar esse aluno. Até os outros colegas nossos que não estavam em greve, ficaram tudo parado, foi uma coisa muito bonita, muito fantástica. Ele tomou consciência disso, de dar o apoio [palavra inaudível] e continuar. E depois, com o final da greve, nós voltamos e retomamos o estágio e conseguimos a aprovação. Até que chegou o dia da formatura, que foi um dia muito marcante para quem estava lá. Eu nunca vou

⁷⁷ Estabelecimento alimentício localizado na rua Barão do Amazonas, próximo à ESEF

⁷⁸ Élio Salvador Praia Carravetta

⁷⁹ Associação dos Servidores da UFRGS.

⁸⁰ Associação dos Professores da UFRGS

esquecer isso, me lembro que logo que eu entrei teve um aluno homenageado. Eu fazia parte da comissão de formatura, os alunos [palavra inaudível] indicaram que tinha que ter um aluno homenageado e que ia ser eu. Eu fiquei meio sem jeito. E quando vejo, para minha surpresa, *todos* meus colegas de formatura aceitaram, “Não, vai entrar tu como aluno homenageado”, é historia isso, o aluno homenageado, fica marcado isso. No final daquele ano estava sendo montado o CEME, [palavra inaudível] e a professora Janice⁸¹, se não me engano, me lembro que eu entreguei para ela nosso convite de formatura [palavra inaudível]. E me lembro que eu estava na formatura e todo mundo tocando não sei o que e quando foi a minha vez - a Clarissa Sombriu⁸² me chamou e eu ia chamar depois a Gabriela Dutra⁸³ - quando foi a minha vez, eu pedi a música Balança Brasil, não é muito conhecida, falava do Brasil, das mudanças e eu me sentia parte do todo e para mim era muito difícil sair daquilo, da ESEF, porque eu me criei ali. Com a ESEF eu fui para Florianópolis que nunca tinha ido, fui para o Rio de Janeiro que nunca tinha ido, fui para Cuiabá que nunca tinha ido, fui a Curitiba, fui a Poços de Caldas. Então eu conheci um pedacinho do Brasil, muito pequeno, fui a Pelotas, a Santa Maria. Me propiciou uma abertura, um leque, porque antes eu era como um cavalo, só olha para frente e aquilo abriu os horizontes. E me lembro que quando a Clarissa chamou meu nome, todos meus colegas ficaram de pé e eu ia cumprimentar só a primeira fileira, porque eu estava saindo, mas eu comecei a cumprimentar todas fileiras. E a música acabou e repetiu e eu via a platéia batendo palma, cheguei para receber o grau, abraçava todo mundo, cumprimentava todo mundo e fui para o publico para falar. Chegando ali eu já tinha preparado meu discurso, o que eu ia falar, respirei fundo e não gaguejei nenhuma vez, para mim era difícil falar em publico, gaguejava muito e ali falei com o pessoal. Dali eu vi a minha irmã chorando aos prantos, meu pai, pedi para o pessoal, porque a formatura foi dia 5 de setembro e 2 de setembro foi o aniversario da minha irmã e ai falei assim para ela...

[FINAL DA FITA 104/01-B]

O.P. – E eu falei, “Paloma⁸⁴, não quis te dar parabéns antes porque eu quis te dar aqui, com todo mundo aqui” e quando eu fui dizer o parabéns eu vejo todo o pessoal da platéia

⁸¹ Janice Zarpellon Mazo

⁸² Nome sujeito a confirmação

⁸³ Nome sujeito a confirmação

⁸⁴ Nome sujeito a confirmação

começa a cantar parabéns para ela e ela chorava e chorava. Cantou o parabéns e ali muita gente sempre agradece a família, mas embora eu tenha morado com a minha família, eu cresci muito com o pessoal da Escola. E achei importante, porque eles fizeram parte da minha vida, como a Gabriela, a Nair e eu fiz isso para eles, o Nelson, o Tartaruga, o pessoal ai [palavra inaudível]. Falei que para mim eles foram muito importante. E depois dali nos tínhamos feitos, porque nos íamos entregar para os nossos professores homenageados, paraninfos, tudo e pensei “Mas quem vai entregar isso?”, não me lembro, não participei da reunião que ia discutir para ver quem ia entregar isso e eu chamei o Douglas⁸⁵ e perguntei “Douglas, quem vai entregar?”, ele disse que não sabia, ai chamei o Marcelo⁸⁶ que não sabia. E a formatura acabando e eu não sabia quem ia falar, mas pensei que alguém tivesse visto isso, a Clarissa devia ter visto. E quando está acabando o nosso discurso, chamaram para entregar a homenagem e eu ia me levantar para entregar e disseram para mim esperar. Eles foram lá e começaram a entregar os troféus de madeira, com imagens. E eu fiquei esperando. Entregaram para a Wrana, entregaram para o Guimarães, entregaram para o diretor, para o nosso paraninfo, entregaram para o homenageado - o Alexandre foi nosso homenageado - entregaram para a Miriam⁸⁷ que foi nossa paraninfa, a Esposa do professor Alberto⁸⁸. Daqui a pouco o pessoal para e fala assim “Agora, nós queremos falar” e chamaram a Gabriela. Aí quem estava falando, eu não me lembro quem era, falou assim “Nós queremos chamar agora uma pessoa que não sabe nada sobre a ESEF, uma pessoa que não sabe nenhum caminho na ESEF, não participou nunca de qualquer reunião da ESEF, que nunca entrou no diretório acadêmico que é nosso aluno homenageado”. E eu fiquei surpreso com isso, porque eu não sabia disso, sabia que eu era o aluno homenageado, mas não sabia que eu ia ganhar também uma estátua e, quando eu vejo, todos meus colegas se levantaram e bateram palma e gritavam meu nome. Recebi deles aquela placa e até ali eu me segurei. Quando acabou a formatura, eu ainda chocado, entra o pessoal do diretório acadêmico em peso, o Nelson, o Tartaruga, o pessoal que já tinha saído, o pessoal do time, a Cíntia, outra menina que entrou muito forte e ela que fez o nosso regimento, que adaptou, fomos para assembléia e conseguimos aprovar nosso regimento interno do D.A. Ela também tinha uma voz muito presente e a Cíntia pegou e veio para mim e disse “O D.A também quer te fazer uma homenagem” e me

⁸⁵ Nome sujeito a confirmação

⁸⁶ Nome sujeito a confirmação

⁸⁷ Miriam Stock Palma

⁸⁸ Alberto de Oliveira Monteiro

entregou uma placa, uma caixinha azul, eu abro e vi uma placa com meu nome e escrito “Agradecemos aos serviços prestados a ESEF no Diretório Acadêmico”. Ali eu sei que o primeiro que eu olhei era o Leonardo Tartaruga, ele é bem grandão, abracei ele e comecei a chorar bastante e [palavra inaudível] uma história de vida e até hoje eu encontro toda a ESEF, falam comigo e eu sou conhecido e vem falar comigo. Eles buscam, vêm e falam [palavra inaudível]. Eu consigo guardar os nomes das pessoas e os que eu não consigo guardar eu tento achar quem é a pessoa. Então a gente viveu muito ali e essa formatura para mim foi muito marcante. Depois eu me formei, comecei a trabalhar com futebol, mas vi que não era o que eu queria e, em 2000, entrei na escola, fiz um concurso para entrar na escola, onde estou até hoje, dando aula na escola. E muito agradeço, essa formação [palavra inaudível], tive na ESEF e ela é outra, completamente nova, em termos de estrutura e de materiais a disposição, pelo que eu vi lá, é outra dinâmica já, me parece que está mais agilizada, antes era muito burocrática algumas questões. Eu liguei para a Escola, nem sabendo que o professor Ricardo tinha voltado, liguei para o professor Ricardo e falei “Ricardo, é ano de Olimpíadas, o senhor sabe, a minha idéia não é fazer jogos, competições, eu quero mostrar para meus alunos que existem outros jogos, como esgrima, salto a distância, revezamento, que tem lançamento de dardo, de peso, de disco, de martelo, isso que eles não conhecem, o que é um [palavra inaudível]. O que eu quero pedir para vocês é esses materiais para que eu leve para a escola e mostrar para eles isso”. E o professor Ricardo pediu um ofício, colocamos isso, entregamos e ele cedeu. Então, isso faz parte, acho que o material em escola é muito caro e a escola não tem condições. Todo tipo de olimpíadas enquanto... Nós estávamos fazendo o que? Nós estávamos vivenciando aquele material para eles, vivenciaram [palavra inaudível], todos os coletes da esgrima, a espada, botavam o capacete e ficavam lutando esgrima. Então para eles [palavra inaudível] foram iniciados na esgrima. Os alunos pegaram, atiraram o arco para longe. Então essa questão da ESEF estar sempre propiciando o uso desses materiais [palavra inaudível] entregue para nós, isto é a memória, bastante. Um funcionário que faleceu que trabalhava no almoxarifado e depois que ele saiu ficou um vazio físico porque ninguém queria cobrir aquela vaga. Ficou um bom tempo sem ninguém no almoxarifado e surgiu a idéia de cada professor ter seu armário com suas bolas, porque antes ficava tudo no almoxarifado e eles chegavam lá e gritavam “Paulinho⁸⁹, me dá tantas bolas” e o Paulinho ia lá e dava as bolas. Como não tinha mais ninguém porque o Paulinho tinha morrido dentro da ESEF, em

⁸⁹ Nome sujeito a confirmação

1993 ou 1994 [palavra inaudível] e, desde então, a Escola ficou com este vazio. A Escola sempre tinha essa oportunidade, às vezes cedia para algumas escolas municipais, estaduais, e cedeu para a minha escola, não porque era a escola do Oberdan, mas porque a gente tinha um propósito. Mandamos um ofício, entregamos todo material depois que foi utilizado, é importante manter isso para quem tiver interesse, fazer isso com seus alunos [palavra inaudível] uma escola pública propiciou isso a eles. Então é importante a Escola, como ela está hoje e a pouco tempo estive lá, tem um salão de judô, ginástica, que foi uma luta, o professor Ricardo, o professor Guimarães, foi uma luta muito grande para financiar aquele ginásio, nós [palavra inaudível] e ai não sei. Estive falando com o professor Ricardo, uma luta dele, ele quer a pista para o atletismo, acho que ele não conseguiu ainda, mas está tentando, conhecendo ele como ele é, ele vai conseguir a pista, ele sempre batalhou para essas coisas. Eu tive um contato maior com o professor Ricardo, mas também tive um contato com o professor Guimarães, foi outra pessoa, claro que mudou, tivemos um pouco de dificuldades no começo, com o professor Fortuna que era vice-diretor, de algumas questões elaboradas. Mas começamos, com o tempo, a abrir esse contato. [palavra inaudível] na direção do Ricardo Petersen, aonde eu vi a Escola dar um salto de qualidade, e depois teve os professores voltando, teve o professor Adroaldo voltando logo em seguida, o professor Stigger. Depois que nós saímos... Quando eu saí, o professor Betão estava voltando e a professora Silvana ia voltar no semestre seguinte e depois eu peguei a professora Silvia indo para o Doutorado e a professora Janice, acho que também estava no doutorado. E a Escola mudou bastante e sei de vários colegas meus que estão dando aula na Escola, o Tartaruga deu aula, a Nair deu aula, a Fátima Piloto⁹⁰ deu aula, a Isabel⁹¹ deu aula de dança, de handebol, o nome dele é Chico⁹². Então esse pessoal que participou da ESEF naquele tempo, acabou vindo a dar aula, o que muitos não queriam, sei que muitos colegas estão em academias [palavra inaudível] e outros nem estão na área.

K.D. – Oberdan, gostaria somente de agradecer teu depoimento.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁹⁰ Nome sujeito a confirmação

⁹¹ Nome sujeito a confirmação

⁹² Nome sujeito a confirmação